

ENSAIO**REDES SOCIAIS COMO FORMAS DE ATUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO
EM REDE NA EDUCAÇÃO**Luciane Infantini da Rosa Almeida¹**RESUMO**

A metáfora da rede surge como uma nova forma de organização e produção das relações sociais e do conhecimento, em que diferentes elementos se conectam numa teia dinâmica e em constante interação. Essas relações marcam rupturas em relação ao paradigma moderno, caracterizado pelas hierarquizações, linearidades, fragmentações e racionalidade cartesiana. No espaço educativo, a apropriação das redes de interação sociais virtuais representam não apenas uma adequação ao paradigma atual, mas constituem-se em possibilidades de se instituir outras formas de produção e circulação dos saberes. Partindo das contribuições de Lévy (1996, 1999), Deleuze e Guattari (1995, 1998) e Alves (2002), o ensaio procura defender que o uso das redes sociais, na educação, pode potencializar a interatividade e organização do conhecimento na forma rede ou rizoma.

Palavras-chave: redes sociais, educação, virtual, rizoma, conhecimento em rede.

ABSTRACT

The metaphor of the network emerges as a new form of organization and production of social relations and knowledge, where different elements are connected in a web dynamic and in constant interaction. These relationships ruptures in relation to the modern paradigm, characterized by hierarchies, linearity, fragmentation and Cartesian rationality. In the educational area, the ownership of virtual social interaction networks represent not only an adjustment to the current paradigm, but constitute themselves into possibilities of instituting other forms of production and circulation of knowledge. Building on the contributions of Lévy (1996, 1999), Deleuze and Guattari (1995, 1998) and Alves (2002), the essay attempts to argue that the use of social networking in education, can enhance interactivity and knowledge organization as network or rhizome.

Keywords: social networks, education, virtual, rhizome, networked knowledge.

¹ Professora da Faculdade Estácio de Sá de Vitória e Vila Velha. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em Educação Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). e-mail: lu_infantini@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

As redes sociais constitui-se em sistemas sociais composto por pessoas e/ou organizações conectadas por diversos tipos de relações, que partilham informações, conhecimentos, experiências, valores, esforços para alcançar objetivos comuns, entre outros. Essas novas formas de comunicação e organização das relações humanas são potencializadas pelo desenvolvimento de ferramentas tecnológicas, sobretudo aquelas promovidas pela Internet, o que se traduz em diversos modos de configuração de redes sociais virtuais – redes de relacionamentos, redes profissionais como LinkedIn, redes comunitárias, redes políticas, dentre outras – que usam os mais variados recursos: e-mails, fórum, lista de discussões, Chats, grupos de notícias, Softwares Sociais (Facebook, Twitter, Orkut, Multiply, NetQI, etc.).

Essas redes de interação virtual atravessam diferentes esferas da vida humana, entre elas, o campo da educação. É fato que, muitas vezes, as redes sociais virtuais são incorporadas ao ambiente educacional muito mais como uma imposição da modernidade do que como forma de apropriação e viabilização do conhecimento. Nessa perspectiva, é possível levantar alguns questionamentos: Como as redes sociais podem ser encaradas no contexto educacional? Servem como meros passatempos ou podem potencializar aprendizagens? Que impactos ou efeitos o uso dessas redes, no ambiente educativo, podem produzir na construção do conhecimento? Refletir sobre as possibilidades de uso das redes sociais no espaço educativo é o objetivo deste ensaio.

Como aporte teórico se utilizará as contribuições de Pierre Lévy (1996, 1999) no que tange a ideia de virtualização do conhecimento, as contribuições de Deleuze e Guattari (1995, 1998) sobre a concepção de rizoma e as reflexões de Nilda Alves (2002), para a educação, acerca do conhecimento que se tece rede. A ideia defendida é que novas formas de organização e produção do conhecimento,

representadas pela grafia da rede ou rizoma², podem ser potencializadas na educação a partir do uso das redes sociais.

2 EMERGÊNCIA DAS REDES SOCIAIS E VIRTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO PARADIGMA ATUAL

Grandes transformações, em todas as esferas da vida humana, são observadas sobretudo a partir do final das Grandes Guerras Mundiais. O projeto da modernidade pautado na crença do progresso pelo uso da razão e da ciência ruiu diante das guerras e da miséria global (VEIGA-NETO, 1995). Fala-se em crise do paradigma moderno e em construção de um novo paradigma (SANTOS, 1996) em que as grandes totalidades modernas – razão iluminista, sujeito, moral, verdade e sociedade – estariam sepultadas. Neste novo paradigma, a ideia da “rede” vem ganhando espaço, tanto no campo das relações sociais quanto no que se refere ao entendimento de como se dá a organização e a produção do conhecimento.

No campo das relações sociais é possível observar que as redes ganham força com o desenvolvimento tecnológico. Segundo Dias (2001)³, é a partir da década de 1980, com implantação das redes que conectam os computadores em tempo real, que esse conceito ganha expressão. Com o aumento da capacidade e da velocidade na análise de dados propiciados pela tecnologia, juntamente o barateamento dos equipamentos eletrônicos, novos produtos tecnológicos, entre eles a internet, passam a fazer parte da vida cotidiana. Isso modifica radicalmente a arquitetura das relações humanas. A comunicação e a interação são recriadas a partir de uma revolução tecnológica: e-mail, MSN, Skipe, celular aparecem como novas formas de comunicação, reduzindo tempo e distâncias entre as pessoas e ampliando as possibilidades de pesquisas e de acesso ao conhecimento. Novas relações

² O rizoma é um novo tipo de grafia, proposto por Deleuze e Guattari (1995), útil para compreender a realização, no espaço virtual, da multiplicidade de signos, linguagens e sentidos. Ainda que guardem diferenças, o rizoma e a rede serão utilizados, neste ensaio, como termos equivalentes.

³ Embora o conceito de rede tenha surgido na segunda metade do século XIX, é somente a partir da década de 1980 que ele passa a ter relevância (DIAS, 2001).

espaciais e temporais se instituem com o advento tecnológico, imprimindo um movimento de ampliação das relações sociais. As redes sociais virtuais atualizam, portanto, essas novas relações.

No campo da organização e produção do conhecimento os efeitos das inovações tecnológicas são igualmente visíveis. De acordo com Levy (1999) as ferramentas tecnológicas como sites de compartilhamento de vídeos, blogs, site de busca de conteúdo, geolocalização, redes de contato, entre outras, acabaram por fazer emergir novas possibilidades de virtualização do conhecimento. Aliás, segundo Lévy (1996, 1999) o principal atributo das redes sociais, em que conhecimento e informação estão disponíveis em um espaço e estado de modificações constantes, é a virtualidade.

Cabe, portanto, uma melhor explanação sobre o que esse autor entende por virtual. Contrário ao uso comum do termo - que representaria algo falso, ilusório, irreal e imaginário - o virtual é aquilo que existe em potência, em curso de atualização. O virtual não representa a ausência de existência, ele existe enquanto fluxo que pode se constituir em possibilidades ilimitadas de criação. Virtual, assim, não se opõe ao real, apenas multiplica as oportunidades de atualizá-lo. Nas palavras do autor, a virtualidade representa: “[...] nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um conhecimento, um objeto ou entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização” (LÉVY, 1999, p. 16).

Lévy (1999) destaca, ainda, que o virtual se atualiza no atual, enquanto o possível presentifica-se no real. Isso não significa desrealização do real, mas implica em transformação das relações sociais numa produção diferenciada de real. O virtual, portanto, não é predeterminado e implica em criação. Dessa forma, os conhecimentos que circulam nas redes sociais se constituem em virtualidade na medida em que guardam possibilidades ilimitadas e imagináveis de criação, produção e circulação.

Em função da plasticidade e fluidez, as redes sociais permitem a interatividade e organização do conhecimento na forma de rizoma, usando a metáfora proposta por

Deleuze e Guattari (1995). O que pode ser visualizado a partir do entendimento do hipertexto. A organização e a produção de significados, no hipertexto, marcam uma ruptura em relação à forma de organização do conhecimento formulada com base na linguagem verbal escrita. Esta última obedece a certa linearidade e materialidade dos significados. Já o hipertexto é caracterizado por uma desmaterialização dessas formas simbólicas e uma ruptura da lógica linear entre os significados, conforme Deleuze (1998).

O hipertexto, posto nas redes sociais virtuais, desterritorializa essa lógica graças aos seus dispositivos. O “link”, por exemplo, faz uma ligação entre enunciados e conteúdos, estabelece vínculos entre vários nós, ou seja, torna o ciberespaço além do contínuo. O espaço virtual propicia uma ruptura com as semiologias lineares e binárias e, ao mesmo tempo, instaura linhas de fuga rizomáticas onde o sentido bifurca-se, não apenas em duas direções, mas em várias direções (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Nesse sentido, o rizoma se opõe ao modelo de árvore, que serviu como base de episteme ocidental e que procedeu a divisões, hierarquias e dicotomias. Ou seja, a grafia do rizoma representa um novo paradigma de escrita que impõe novas formas de organização e produção do conhecimento no ciberespaço. Há importantes princípios atualizados na metáfora do rizoma. O primeiro deles é o *princípio da multiplicidade*: “As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8).

O *princípio de conexão e heterogeneidade* faz referência ao fato de que “[...] qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro” (ibidem, p. 15). Em termos de organização do conhecimento isso significa que não há um caminho linear, hierarquizado e único de conexão entre os sentidos. Outro é o *princípio de ruptura a-significante*: “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas [...]” (ibidem, p. 18). Aqui é possível observar a fluidez dos caminhos percorridos para se

alcançar determinada compreensão ou informação. O final de uma busca no ciberespaço, por exemplo, pode ser retomado a qualquer momento e por qualquer ponto.

Há, ainda, o *princípio de cartografia*. Significa que um rizoma não tem centro ou hierarquia. Ele possui várias entradas e seu sentido dá-se por meio de cartografias, ou seja, mapas que se fazem e desfazem instantaneamente. No que tange ao conhecimento pode-se observar que os serviços de busca e pesquisa são ferramentas de cartografia a serviço do usuário que criará, por si só, seu próprio mapa cognitivo. Por fim, o *princípio de decalcomania* sugere que os mapas criados podem ser copiados, reproduzidos. Os mapas podem ser postos sobre as cópias, possibilitando o surgimento de novos territórios e novas multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

A metáfora do rizoma, portanto, substitui antigas noções de linearidade, hierarquia e “construção” do conhecimento, tributárias da modernidade. A multiplicidade e as várias possibilidades de tratamento da informação no ciberespaço ilustram que não há uma única forma de organização do conhecimento, e que este está aberto à imprevisibilidade e a um campo ilimitado de possíveis conexões e criações.

Todas essas mudanças processadas no ambiente virtual afetam o modo com as pessoas aprendem, pensam e se comportam. As inovações tecnológicas acabam por forjar dispositivos que produzem outras lógicas de funcionamento social e individual. Cabe o questionamento: Essas novas formas de processar, armazenar, produzir e fazer circular o conhecimento, disparadas pelas redes sociais e incorporadas à realidade social, são incorporadas ao cotidiano escolar ou estão postas a margem?

3 ATUALIZAÇÃO E TECIMENTO DO CONHECIMENTO EM REDE A PARTIR DAS REDES SOCIAIS NO ESPAÇO EDUCATIVO

Em termos de compreensão de como se processa o conhecimento é possível observar que antigas formas coexistem com formas que circulam na atualidade. Alves (2002) traduz essas formas em três metáforas que, de acordo com a autora, fundamentam as concepções de professores e profissionais da educação: (1) o conhecimento transmitido, (2) o conhecimento construído e (3) o conhecimento tecido em rede(s). A primeira metáfora embasa a visão tradicional de ensino-aprendizagem e encontra fundamento em pressupostos empiristas de Locke, segundo os quais a “mente” seria um tábula rasa sobre a qual é gravada o conhecimento. O aprendiz seria, portanto, um receptáculo passivo dos conteúdos que lhe são transmitidos pela linguagem.

A segunda metáfora, a do conhecimento construído, bem mais elaborada e difundida no espaço educativo, pauta-se nos pressupostos da modernidade. Nilda Alves (2002) traduziu esses pressupostos na “grafia em árvore”, em que o tronco representa os conhecimentos básicos ou fundamentais sobre os quais se apoiam àqueles mais especializados, representados pelos galhos. A metáfora da árvore do conhecimento pressupõe um caminho obrigatório, único, linear e hierarquizado. O aprendiz é ativo em seu processo de aprendizagem, mas há caminhos necessários que precisa percorrer como degraus de uma escada, já que para aprender um conteúdo mais elaborado precisa, antes, aprender àquele que o embasou. Trata-se de uma concepção mecânica do conhecimento, já que reproduz a fragmentação cartesiana do saber, resultado das concepções científicas modernas.

A metáfora do conhecimento tecido em rede, pautada nos princípios do rizoma anteriormente citados, é a terceira metáfora sugerida por Alves (2002). Ela adentra o espaço educativo e aparece como resposta a movimentos que colocaram em crise os pressupostos da modernidade. Um desses movimentos se processou no mundo do trabalho, com a crise do modelo taylorista-fordista, em que as relações de trabalho hierarquizadas, individualizadas, arquitetonicamente planejadas e

controladas sedem espaço a relações mais fluidas, flexíveis, criativas e coletivas (HARVEY, 1993). Outro movimento foi disparado no campo das novas ciências de ponta como a informática e comunicação, em geral. O terceiro movimento se articula com a própria crise do paradigma moderno, em que há um crescente reconhecimento de que a racionalidade (e sua expressão máxima, a ciência) não é suficiente para garantir o bem estar da humanidade (ALVES, 2002).

Vale destacar que a metáfora do conhecimento em rede atualiza, portanto, o princípio da virtualidade e da organização rizomática. Nela o aprendiz é ativo e possui vários caminhos para criar seus próprios mapas cognitivos. Esta forma, entretanto, ainda não se atualiza na condução do processo de ensino-aprendizagem e na organização curricular escolar. Ao contrário, o cotidiano escolar ainda é marcado pela visão de “transmissão” do conhecimento na relação professor-aluno e, por organizações curriculares, que atualizam a metáfora da “árvore” (ALVES, 2002). O que sugere que a escola precisa: “abrir espaço e tempo à compreensão das relações entre conhecimento real, currículo concreto e as novas tecnologias e novos conhecimentos existentes na sociedade” (ALVES, 2002, p. 120).

Pode-se, portanto, retomar a ideia central desse ensaio: novas formas de organização e produção do conhecimento, representadas pela grafia da rede ou rizoma, podem ser potencializadas na educação a partir do uso das redes sociais. Chats, fóruns, grupos de notícias, softwares sociais, sites de busca, entre outras, são algumas das ferramentas tecnológicas que podem ser usadas no ambiente educativo e que operam, nos termos de Lévy (1996, 1999), uma atualização do virtual.

Mais do que mera incorporação das inovações tecnológicas no ambiente educativo, atualização do virtual significa uma abertura ao campo infinito de possibilidades de criação e circulação de informações e saberes que compõem os espaços sociais. E, na medida em que essas formas são criadas, pela e nas redes sociais, aquilo que existe enquanto potência, o virtual, se atualiza em diferentes contextos. O uso das novas tecnologias de comunicação e informação, no cotidiano escolar, portanto,

abre espaço para que professores e alunos possam percorrer e, ao mesmo tempo, tecer fios que irão compor as redes de conhecimento social e individual.

Mas introduzir estas novas tecnologias exige outra forma de compreensão de como se processa o conhecimento. Além disso, exige a compreensão, de forma ampliada, dos nós que compõe as redes, unidades escolares articuladas com valores locais e exige, ainda, que se dê visibilidade e aumente a conectividade entre estes nós, para o estabelecimento de redes de conexões. A escola, nesses termos, funcionaria como elemento do processo coletivo de produção de conhecimento. Atuaria potencializando os atores envolvidos no processo social e, ainda, contribuiria para a coletivização e democratização do conhecimento. Isso exige, como afirma Lévy (1999), uma transformação profunda em que políticas educacionais coerentes com as transformações da sociedade como um todo são necessárias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais virtuais se pautam no princípio de que o conhecimento se dá a partir de interpretações e conexões múltiplas, de uma multiplicidade de atores, que se conectam por zonas de contato móveis. Atualizam, dessa forma, os princípios da rede e do rizoma e, com isso, instauram rupturas em relação o modo de funcionamento do espaço educativo, que ainda está centrado nos princípios da racionalidade cartesiana moderna. Necessidades de transformações no cotidiano escolar, portanto, são urgentes. Primeiramente, porque os elementos atualizados pelas redes sociais já são parte da realidade cotidiana e, o sistema educacional, precisa ser compatível como o momento histórico no qual se insere. Um segundo argumento é que “tecer o conhecimento em rede”, abre espaço para a democratização dos saberes e, sobretudo, para a criação e invenção de outros.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 111-120.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1995. V. 1.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: Conceitos e temas**. 3. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 141-162.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o Futuro do Pensamento na Era da Informática**. São Paulo: ED 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: ED 34, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 8. ed. Porto (Portugal): Edições Afrontamento, 1996.

VEIGA-NETO, A. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.